

CONTOS ALINHAVADOS: A participação de Machado de Assis em periódicos de moda e literatura¹

ALINHAVADOS (MEANING ‘BASTED’) TALES: The involvement of Machado de Assis in fashion and literature periodics;



DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA
Profa. Dra. Universidade Federal de Uberlândia - UFU
Uberlândia, Minas Gerais - Brasil
danielasilveira@hotmail.com

Resumo: Este artigo analisa a participação de Machado de Assis em dois periódicos articulados com vistas ao público feminino: o *Jornal das Famílias* e *A Estação*. Num período de implementação e crescimento do número de jornais e revistas publicados no Brasil, conquistar as leitoras parecia ser uma boa estratégia. Alguns nomes reconhecidos de nossa literatura mostraram-se bastante empenhados em escrever para e sobre as mulheres. Machado de Assis, logo no início de sua carreira, publicou um número considerável de histórias curtas para as “gentis leitoras”. Este estudo sugere alguns dos possíveis significados que tiveram para Machado participar do corpo de colaboradores de periódicos de moda e literatura. Observaremos, portanto, como essas revistas foram influenciadas e também marcaram a trajetória e caminhos escolhidos pelo literato.

Palavras-chave: Machado de Assis. Literatura. Imprensa. *Jornal das Famílias*. *A Estação*.

Abstract: This article examines Machado de Assis’ participation in two articulated publications aimed at the female readers: the *Jornal das Famílias* and *A Estação*. In a period of implementation and the growing number of newspapers and magazines published in Brazil, winning the readers seemed to be a good strategy. Some recognized names of our literature were very committed to writing for and about women. Early in his career Machado de Assis published a considerable number of short stories for the “gentle readers”. This study suggests some possible meanings to Machado as a writer in the body of contributors from fashion journals and literature. We observe, therefore, as these journals were also influenced and marked the trajectory and paths chosen by the writer.

Keywords: Machado de Assis. Literature. Press. *Jornal das Famílias*. *A Estação*.

¹ Artigo submetido à avaliação em 26/02/2011 e aprovado para publicação em 21/04/2011

Machado de Assis e os jornais

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, é o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira do lar, fatigado pelo labor cotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculos aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela arguição de fatos. Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 963, v. 3).

O início da carreira de Machado de Assis como escritor de literatura pode ser analisado, tomando como ponto de partida seu entusiasmo diante das possibilidades revolucionárias abertas pela incipiente imprensa de seu tempo. As palavras acima transcritas pertencem a um jovem jornalista liberal, que pouco a pouco tomava conhecimento dos meandros daquele meio². No entanto, vez ou outra, no decorrer de sua carreira e depois de já ter conquistado espaço no mundo das letras, reafirmava a importância da imprensa, mesmo quando o tema central fosse diverso. Nesse sentido e para abrir uma de suas crônicas da série *Bons dias!*, publicada pela *Gazeta de Notícias*, o narrador tomava emprestado certo tom de melancolia e defendia:

Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos! Conhece-se um homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas de meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das mais profundas sensações da vida, - igual ou quase igual à que dá a vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudades piegas, mas a recomposição do extinto, a revivescência do passado, a maneira de Ebers, a alucinação erudita da vida e do movimento que parou. Jornal antigo é melhor que cemitério, por esta razão que no cemitério tudo está morto, enquanto que no jornal está tudo vivo. Os letreiros sepulcrais, sobre monótonos, são definitivos: *aqui jaz, aqui descansam, orai por ele!* As letras impressas na gazeta antiga são variadas, as notícias aparecem recentes; é a galera que sai, a peça que se está representando, o baile de ontem, a romaria de amanhã, uma explicação, um discurso, dois agradecimentos, muitos elogios; é a própria vida em ação. (MACHADO DE ASSIS, 2008, P. 273)

² Boa parte da produção literária de Machado de Assis apareceu, em sua primeira versão, em algum jornal ou revista fluminense. Várias foram as oportunidades encontradas, por nosso literato, para defender a importância da imprensa no Brasil, como por exemplo, nos textos intitulados “O jornal e o livro”, publicado no *Correio Mercantil*, nos dias 10 e 12 de janeiro de 1859, e em “A reforma pelo jornal”, publicado em *O Espelho*, no dia 23 de outubro de 1859.

Quando escreveu essas linhas, Machado de Assis já havia se tornado o famoso escritor das *Memórias póstumas de Brás Cubas* e de tantos outros romances e coletâneas de contos. Mesmo assim continuava atribuindo a seus narradores e personagens falas interessantes, a respeito da imprensa, e que podem nos ajudar na avaliação sobre sua insistência em continuar fazendo parte de diferentes grupos de colaboradores, responsáveis por certos periódicos. Um número mais do que significativo de suas histórias teve uma primeira versão publicada em algum jornal ou revista fluminense. Sua produção de contos, por exemplo, possui forte afinidade com a composição das páginas para os quais foram escritos. (SILVEIRA, 2010, p. 69) Dentre as publicações que abriram as portas para o ainda jovem Machadinho, destacam-se o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Jornal das Famílias*. Com a passagem do tempo e o seu próprio amadurecimento, vieram outras folhas, como a sofisticada revista de moda e literatura *A Estação*, e a inovadora *Gazeta de Notícias*. Além disso, enquanto integrava a lista de colaboradores dessas folhas, ainda participou da *Gazeta Litterária* e da *Revista Brasileira*, por exemplo.

Ao longo do século XIX, jornalismo e literatura não possuíam separações muito rígidas. Ao contrário, vários literatos aproveitavam-se dos espaços da crônica e de algumas colunas de variedades, muitas vezes, para empreender leitura mais amena e com linguagem ficcional daquilo que se publicava no corpo do jornal. Ao lado disso, aquele parecia ser um veículo aglutinador de público, bem mais eficiente do que o próprio livro. Trabalhar para tal imprensa deveria representar, para boa parte dos escritores, a oportunidade de construir um espaço de discussão de ideias até aquele momento quase inexistente. No entanto, algumas vezes, isso significava também ver suas histórias disputando lugar com receitas culinárias, modelos de vestidos, conferências científicas e uma multiplicidade de temas que pareciam interessar aos seus leitores e leitoras contemporâneas.

Para compor seus personagens e diálogos, Machado de Assis aproveitava-se daquilo que encontrava disponibilizado no próprio jornal ou revista para o qual escrevia. Por isso, conhecer essas publicações parece bastante relevante para a compreensão de sua obra. Nas próximas páginas deste artigo, procurarei mostrar a inserção desse autor e sua participação em algumas discussões dirigidas ao público feminino. O *Jornal das Famílias* e *A Estação* são dois periódicos que juntos publicaram mais de cem contos de Machado de Assis. Possuíam alguns pontos similares e outros mais distantes. Contribuíram assim para a disseminação de sua obra e ideias.

O *Jornal das Famílias*

O *Jornal das Famílias: publicação ilustrada, recreativa, artística, etc.* começou a ser publicado em janeiro de 1863. Saía mensalmente e seu último número foi o do mês de dezembro de 1878. Sua redação funcionava à rua do Ouvidor, 69, livraria de B. L. Garnier, no Rio de Janeiro. O periódico comportava seções de “Romances e novelas”, “Poesias”, “Mosaico”, “Medicina popular”, “Economia doméstica” e outras de caráter mais esporádico. A participação de Machado de Assis como contista começou em junho de 1864, com “Frei Simão”, assinado pelas iniciais M. A.. Depois desse, sua colaboração tornou-se cada vez mais efetiva e regular. Foram 86 histórias, a maioria publicada em mais de um número sob a fórmula do “continua”, algumas assinadas com seu próprio nome ou iniciais e outras com algum pseudônimo³. Ao seu lado apareceram outros colaboradores reconhecidos ainda hoje, como Joaquim Manuel de Macedo, e aqueles que usavam pseudônimos de difícil identificação, como Paulina Philadelphia e Victoria Colonna⁴.

Conforme já havia se tornado hábito em outros periódicos, o número de lançamento do *Jornal das Famílias* teve como artigo de abertura uma espécie de carta de apresentação. Dirigindo-se “Aos nossos leitores”, “A redação” começava revelando ser aquela a mesma *Revista Popular*, periódico editado por B. L. Garnier desde 1859. A diferença essencial e talvez motivação para a mudança de título justificava-se pelo fato de que, a partir daquele momento, seria “mais exclusivamente dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras”. Essa modificação acabou tomando conta de toda a revista, que quase nada conservou de sua antecessora. Esse primeiro volume marcava o tom daquilo que pretendia ser o periódico, ou seja, uma folha interessada em auxiliar à família na criação dos filhos, em orientar a dona de casa dentro das leis da economia e em disponibilizar, aos filhos, leituras carregadas de lições de moral e conselhos os quais deveriam ser seguidos.

Quando Machado de Assis estreou, na seção “Romances e novelas”, precisava seguir algumas normas pré-estabelecidas, tanto aquelas de estilo quanto de tema adotados por outros colaboradores. Seu primeiro conto publicado por aquelas páginas – “Frei Simão” – foi, alguns

³ No *Jornal das Famílias*, Machado de Assis utilizou as seguintes assinaturas: M. A., Machado de Assis, Max, M., J., Job, A., F. e S., J.J., Máximo, Marco Aurélio, J.B., Victor de Paula, Otto, Camillo da Anunciação, X., Lara e O.O. Essa variedade de assinaturas não pode ser explicada apenas como artifício para esconder a verdadeira autoria de cada um daqueles contos, mas também como estratégia para a criação de novos perfis de colaboradores. Em especial porque a revista, vez ou outra, anunciava a variedade de colaboradores que contava, quando, na verdade, Machado de Assis continuava a ser o principal literato responsável pela seção de “Romances e novelas”.

⁴ Ao lado de Machado de Assis, os nomes mais frequentes nas páginas do *Jornal das Famílias* foram Paulina Philadelphia e Victoria Colonna, pseudônimos que ainda não foram identificados. Essas duas eram responsáveis pelos artigos mais diretamente dirigidos às leitoras e que carregavam um forte tom moral e religioso. Ofereciam lições de comportamento e dicas de culinária.

anos depois, recolhido pelo próprio literato, para a composição da coletânea *Contos fluminenses*. O enredo dessa história compunha-se a partir de algumas notas encontradas depois do falecimento de Simão. Por meio dessas, tanto aqueles que conviveram em companhia do frei, quanto os leitores e leitoras do *Jornal das Famílias* ficaram sabendo sobre a vida de Simão, os motivos que o levaram à clausura e seu relacionamento com os pais e uma prima por quem havia se apaixonado. O maço de anotações servia, portanto, para matar a curiosidade de todos. De tudo o que foi possível saber, o jeito altivo e repressor dos pais de Simão ganhou bastante destaque. Ainda em sua juventude, Simão foi impedido de seguir a carreira das letras, conforme escolhera. Viu-se, então, obrigado a trabalhar como guarda-livros, no comércio do pai. Em seguida, quando teve seu namoro com uma prima, chamada Helena, descoberto, acabou sendo vítima de um plano de separação. Como o pai de Simão desejava vê-lo casado com uma mulher rica e não com uma agregada de sua casa, fez com que o filho fosse trabalhar em outro lugar, distante da menina. Simão mostrou-se sempre muito obediente e não contestava as ordens recebidas. O pai, por sua vez, contava com as inclinações poéticas de um amigo que acolheria seu filho e o manteria afastado a maior parcela de tempo possível. Muito romanesco, no entanto, parecia ser o próprio Simão quem acabou diminuindo a distância entre ele e Helena, por meio de cartas longas e chorosas. Contudo, depois que seus pais descobriram a correspondência, proibiram a entrada de papel, pena e tinta na casa, além de impedirem que as cartas enviadas pelo filho chegassem às mãos da sobrinha. O estilo de Simão passou a ser admirado apenas por seu próprio pai. O golpe final foi dado por aquele senhor ao anunciar, por meio de uma carta, o falso falecimento de Helena. Para curar a dor, sugeria ao filho o casamento com outra moça, “um bom partido”, segundo as suas próprias palavras.

As atitudes do pai de Simão são indícios de um modo de tentar frear a entrada de agregadas, para algumas famílias mais abastadas, por meio do casamento. A união entre pessoas de diferentes classes sociais serviu de mote para várias histórias criadas nos idos dos anos 1860 e 1870. Alguns autores investiam na possibilidade de inverter seus enredos, como, por exemplo, fez José de Alencar, quando deu vida à sua Aurélia, do romance *Senhora*, publicado em 1875. A ideia elaborada por Machado de Assis, em seu primeiro conto, para o *Jornal das Famílias*, foi a de buscar essa questão e mostrar o quão trágico poderia ser o seu desfecho. Logo que Simão soube do falecimento de sua amada, ousou contrariar as ordens do pai pela primeira vez. Optou por servir a Deus, tornando impossível a união com qualquer mulher. Passado algum tempo, Simão retornaria à cidade natal e, pela segunda vez, desobedeceria ao seu pai. Quando revelou os motivos que o levaram até ali, o pai percebeu

que o filho poderia encontrar a prima e descobrir toda a sua farsa. Dito e feito. Os últimos parágrafos do conto servem apenas para confirmar o enlouquecimento, seguido pela morte de Simão, de Helena, da mãe do frei e a reclusão do pai no mesmo quarto de convento outrora ocupado pelo filho.

O segundo aparecimento de Machado de Assis, nas páginas do *Jornal das Famílias*, aconteceu no mês seguinte à publicação de “Frei Simão”. “Virginius – narrativa de um advogado” foi publicada em duas partes entre julho e agosto de 1864, e levava o nome próprio do literato – “Machado de Assis” – como assinatura. Esse conto pertence ao variado e múltiplo grupo de narrativas deixadas apenas nas páginas do periódico, sem que ganhassem qualquer tratamento e passassem a compor alguma coletânea. Tem como narrador certo advogado, que recebera proposta, por meio de um bilhete bastante misterioso. Por causa da possibilidade de encontrar alguma história interessante, provavelmente um romance, o advogado acabou aceitando e partindo para uma vila onde, por coincidência, residia um amigo seu. Desse modo, os dois primeiros contos, publicados por Machado de Assis naquele periódico, tiveram narradores motivados pela curiosidade. No primeiro, o personagem principal possuía a verve poética e escrevia cartas à sua amada. A poesia, no entanto, acaba descambando para o drama. Em “Virginius”, o advogado narrador, em vez de encontrar o esperado romance, depara-se com mais uma tragédia. As primeiras informações recebidas para a composição de suas impressões colocam-no diante de um cenário idílico, possível apenas por causa da distância entre aquele vilarejo e a Corte. Quem havia contratado os seus serviços era conhecido como *Pai de todos*: um juiz conciliador das maiores diferenças e um homem caridoso, capaz de acolher quem precisasse. Apesar disso, este mantinha em sua fazenda inúmeros escravos, ou melhor, “amigos”, conforme defendia quem recebeu e serviu de interlocutor para aquele advogado, em terras tão distantes:

Escravos é o nome que se dá; mas Pio não tem escravos, tem amigos. Olham todos como se fora um Deus. É que em parte alguma houve nunca mais brando e cordial tratamento a homens escravizados. Nenhum dos instrumentos de ignomínia que por aí se aplicam para corrigi-los existem na fazenda de Pio. Culpa capital ninguém comete entre os negros da fazenda; a alguma falta venial que haja, Pio aplica apenas uma repreensão tão cordial e tão amiga, que acaba por fazer chorar o delinquente. Ouve mais: Pio estabeleceu entre os seus escravos uma espécie de concurso que permite a um certo número libertar-se todos os anos. Acreditarás tu que lhes é indiferente viver livres ou escravos na fazenda, e que este estímulo não decide nenhum deles, sendo que, por natural impulso, todos se portam dignos de elogios? (JORNAL DAS FAMÍLIAS, julho de 1864)

Além de escravos, Pio, ou *Pai de todos*, possuía ao seu redor alguns agregados, como Julião. Aliás, foi para a defesa desse personagem que o advogado fora chamado. No primeiro

encontro entre réu e defensor, este viu em sua frente “um homem trigueiro, de mediana estatura, magro, débil de forças físicas, mas com uma cabeça e um olhar indicativos de muita energia moral e alentado ânimo”. A narrativa que os leitores do *Jornal das Famílias* tinham em suas mãos havia, assim, sido confeccionada, a partir das impressões que o advogado retirara tanto da primeira conversa com o seu cliente, quanto daquelas que teve com o anfitrião. Julião contou ao seu advogado que havia recebido de Pio um sítio, onde morava com a esposa e a filha. Depois da morte de sua esposa, recorrera à proteção de *Pai de todos*, para que este o ajudasse na criação da menina, então com sete anos. Sua maior preocupação consistia em acumular um pecúlio para não deixá-la desamparada. Como o fazendeiro também tinha um filho, as duas crianças acabaram tornando-se amigas. Carlos e Elisa permaneceram juntos até o menino partir para cursar suas primeiras letras. Quando o filho de Pio retornou, já não era mais o mesmo: “Conhecia as condições da vida social, e desde os primeiros gestos mostrou que abismo separava o filho do protetor da filha do protegido”. Carlos distraía-se caçando e não demorou muito para fazer uma proposta bastante indecorosa a Elisa. Como encontrou rejeição da parte dela e a indignação de Julião, Carlos usou a força para prendê-la em seus braços. Ao se deparar com o conflito entre a “inocência e a perversidade”, Julião acabou cravando uma faca no peito da filha, com o objetivo de salvá-la da desonra e, por consequência, de um determinado tipo de prisão. Logo depois de saber esses detalhes, o advogado acabou concluindo estar diante de uma tragédia e não de um romance. Referia-se inclusive àquela vivida por Virginius, na qual Ápio Claudius havia transformado Virgínia em sua escrava, pois não conseguia obter o amor dela. Nos dois casos, o pai prefere matar a filha a vê-las escravizadas. Embora ser escravo ou livre, na fazenda de *Pai de todos*, fosse indiferente, de acordo com o testemunho transcrito anteriormente, um dos maiores protegidos daquele senhor foi capaz de matar a própria filha, para que esta não fosse obrigada a se submeter a uma relação, de certo modo, também associada à privação de liberdade.

Os contos inaugurais da colaboração de Machado de Assis, nas páginas do *Jornal das Famílias*, são indícios de escritor disposto a usar a palavra impressa para questionar alguns temas polêmicos de sua época. Por um lado, havia certo tom de irreverência direcionado ao estilo literário usado pela maioria dos colaboradores do periódico: o Romantismo. Machado brinca com a linguagem empregada por Simão em suas cartas a Helena e também com quem está sempre à caça de romances. Além disso, seu posicionamento político diante de algumas questões parecia bastante claro e, em alguma medida, distante daquele apresentado pelos outros colaboradores. Nesse sentido, no primeiro número do periódico, em artigo intitulado

“Conselhos para educação”, da seção de “Mosaico”, havia a seguinte proposta aos pais que não conseguiam controlar os filhos durante as vinte e quatro horas do dia:

Em casa dêem-lhes alguns alívios, e jogos honestos em que se entretendam, para que a natureza não vá buscar consolação na amizade, e trato com os estranhos. Retirem-nos de ter familiaridade com os servos e servas de casa; porque destes sê-lhe pegam palavras pouco compostas, e notícias da maldade, de que estavam inocentes; e lhes servem de meios, para que se atrevam a sair com os seus apetites dentro, ou fora de casa, e a querer outra cousa do que seus pais querem. Se todavia não obedecem a estas ordens, haja castigo: e tal, que lhe chegue mais à alma, do que ao corpo, especialmente se o menino é de índole nobre, e que apetece ardentemente os louvores, e estimação; nesta parte há de cair a vara, porque nesta lhe doe. E ainda em cima convém meter-lhe em ponto de honra, e confessar ele mesmo o crime, e pedir o castigo, e dar-lhe a título de grande mercê; porém mais moderado, porque o pede, ou aceita de boa vontade. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, janeiro de 1863)

Não parecia ser novidade a identificação de problemas inerentes à convivência entre os filhos dos senhores e seus escravos. Para quem definia o mundo a partir dos possíveis dramas vividos pelos donos de escravos, o melhor a fazer talvez fosse mesmo evitar essa aproximação. No conto “Virginius”, embora Elisa não fosse escrava (é provável que Julião tenha alcançado a sua alforria e a de sua família num dos concursos promovidos pelo próprio Pio), sua posição de dependente deveria ser bastante clara e tornou-se ainda mais evidente depois do retorno de Carlos. A narrativa proposta por Machado de Assis joga luz sobre a dureza e as privações de quem já não era mais escravo, mas precisava contar com a proteção de seu antigo senhor, ainda quando este se comportasse como um pai de todos. A tragédia foi de fato vivida por Julião e sua filha Elisa, e não por Pio e seu filho Carlos. Essa mudança de foco, diante de conselhos que sugeriam o afastamento de escravos dos filhos dos senhores para proteção dos últimos, marcou não só a entrada de Machado naquelas páginas, como também boa parte de sua participação ali. Mesmo porque a motivação para escrever tais histórias deve ter sido fermentada devido à necessidade de apresentar visões diferenciadas para os mesmos problemas.

No primeiro ano de participação de Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*, a cada mês havia algum conto, ou parte dele, na seção “Romances e novelas”, que levava suas iniciais, seu nome, ou a assinatura de Max, como aconteceu em “O anjo das donzelas”. No decorrer do tempo de publicação dessa revista, o número de assinaturas, bem como de histórias desse literato, aumentou de modo significativo. No ano de 1866, foram dezoito aparições, sendo que em muitos números havia mais de uma história sua, como por exemplo, no mês de outubro, em que figuraram a conclusão de “A pianista”, assinada por J.J., e a primeira parte de “Astúcias de marido”, assinada por Job. As exigências feitas ao colaborador

devem ter motivado a criação de assinaturas diferentes e o retorno a temas trabalhados não apenas por outros escritores, como por ele mesmo. Embora desde a publicação de “Frei Simão” Machado tenha deixado claro seu posicionamento e maneira de abordar algumas questões, tinha consciência de que pertencia a uma revista dedicada aos interesses femininos. Precisava, portanto, de algum modo tentar corresponder às expectativas não só das suas “gentis leitoras”, como também daqueles que porventura tentassem controlar aquilo que era lido por mulheres.

O investimento feito por Machado de Assis em personagens femininas, para os contos do *Jornal das Famílias*, foi bastante grande. Nesse sentido, ganharam destaque as jovens viúvas, as esposas modelos e também as moçoilas solteiras que aproveitavam o tempo namorando e tentando escolher o melhor marido. Ao optar por essas personagens, o literato acabava criando formas de aproximação entre suas leitoras, que, em muitos momentos, viam seus comportamentos aplaudidos ou até mesmo questionados por meio de situações ficcionais. Talvez o mais importante para Machado fosse fazer com que suas leitoras encontrassem no espaço da imprensa um lugar aberto para discussão de temas interessantes, além de mostrar que uma revista de moda poderia servir tanto como manual para a boa costureira, quanto como um espaço de reflexão para as demandas do dia e do posicionamento delas diante de alguns temas. Vejamos, portanto, como apareciam em suas histórias questões relacionadas à política imperial e ao lugar que deveria ser ocupado pelas mulheres.

Uma das questões mais polêmicas e debatidas em diferentes momentos do segundo reinado dizia respeito ao processo eleitoral. Por isso, em vários de seus textos (tanto em crônicas, como em contos), Machado reservou espaços para a apresentação de dúvidas sobre a validade de algumas eleições de seu tempo (SILVEIRA, 2010, p. 159). No *Jornal das Famílias*, entre os meses de novembro de 1877 e janeiro de 1878, assinado por “Machado de Assis”, apareceu o conto “Um ambicioso”. No primeiro mês, os leitores e as leitoras encontraram o capítulo inicial e quase todo o segundo capítulo. Este deve ter sido recortado não com vistas ao suspense ou outro efeito relacionado à estrutura de folhetim, mas apenas por uma questão de espaço. Esse dado pode ser percebido devido ao corte abrupto na história, a falta de inserção de elementos que pudessem prender a curiosidade do leitor ou leitora e, em especial, por causa do número de páginas limitado para cada número da revista e que poderia ter sido ultrapassado, caso houvesse a continuidade do conto ainda naquele mês. Ali havia a apresentação dos personagens principais da trama. José Cândido, filho do senhor Matheus, demonstrava certa melancolia, fato que deixara seu pai bastante preocupado. Esse velho senhor era um comerciante bastante precavido que não arriscava sua fortuna nem mesmo para

se casar com uma prima viúva, a dona Inácia. No entanto, como parecia preocupado por causa do estado do filho, resolveu pedir a ajuda da prima Inácia. Em troca de um açucareiro e de um bule que nem estavam em perfeito estado de conservação, a mulher entendeu o que o senhor Matheus queria: descobrir aquilo que se passava no coração do filho e se o motivo de sua prostração seria uma moça.

Enquanto o senhor Matheus e a prima Inácia combinavam os detalhes daquele acordo, José Cândido dirigia-se à casa do capitão Fabrício. Este o recebia com a voz mais doce que poderia alcançar. José Cândido passava então a relatar quantos votos havia angariado em sua vizinhança para o candidato do capitão. Mas, na verdade, o real desejo daquele personagem parecia ser o de conseguir proteção para se tornar eleitor. O capitão ficou um pouco desconsertado e surpreso diante dessa revelação, mas, ainda assim, colocou-se a sua disposição, sem deixar de lembrar-lhe que aquilo dependia também dos outros correligionários, candidatos e influências. O importante é que José Cândido:

(...) tinha a paixão eleitoral, mas só a paixão eleitoral, não a política. Era um cabalista de primeira força. Ele vivia no tempo das eleições três vezes mais do que no resto dos tempos. Por isso amava as dissoluções da Câmara. Era a sua única ocupação, mas valia por trinta.

Tinha roda, dispunha de votos; era exímio no meio de angariar votos contrários, em trocar cédulas, preparar *fósforos*, reunir invisíveis.

Não lhe perguntassem qual era o seu partido; ele era do partido do capitão. Este era a sua bandeira, o seu programa, o seu sistema. Suas ideias, princípios, simpatias, eram as simpatias, princípios e ideias do capitão; fora dele era tudo abominável. E o capitão sabia de que força era o correligionário. Quis um dia arranjar-lhe uma patente de alferes, na Guarda Nacional, e ele recusou, com uma abnegação romana. José Cândido era desinteressado, puro, incorruptível. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, novembro de 1877.)

O desenvolvimento narrativo desse conto expõe a visão de Machado de Assis e de alguns de seus contemporâneos a respeito do encaminhamento do processo eleitoral no Brasil naquele momento. Até a reforma de 1881, as eleições no Império dividiam-se em dois turnos: primeiro os votantes escolhiam os eleitores, e, em seguida, esses elegiam seus representantes. (CARVALHO, 2007, p. 393) José Cândido pretendia, portanto, participar de forma mais direta daquele processo, mas sabia da necessidade de ter alguém que trabalhasse a favor da escolha de seu nome. Para isso contava com o apoio do capitão Fabrício. Quando o personagem deixou a casa do capitão, imaginando que conseguiria tornar-se eleitor, encontrou-se com a tia Inácia, que aproveitava a situação para tentar descobrir aquilo que afligia o filho do senhor Matheus. Com certo ar soberano, José Cândido revelava que existiam questões “superiores ao entendimento de uma senhora”. Ou seja, segundo suas crenças, as

mulheres não possuíam nem capacidade nem interesse pelos “negócios públicos” ou por decisões políticas e só sabiam conversar a respeito de “linhas e alfinetes”. Por outro lado, reconhecia a importância de ter aquela senhora ao seu lado, a qual poderia ajudá-lo a obter, junto ao pai, os recursos financeiros para a sua candidatura. Pensando nisso, resolveu contar tudo à tia. Mesmo que, em alguns momentos, aquela personagem feminina desse a entender que de fato as mulheres não fossem dotadas de larga inteligência, conseguiu fazer com que o rapaz confessasse o interesse pela filha dela, o que facilitava a aquisição de várias peças da loja do Matheus.

José Cândido recebeu a ajuda da tia e acabou conseguindo que o pai cedesse o dinheiro necessário à campanha eleitoral. O problema foi não ter tido a mesma sorte com o capitão Fabrício. Este colocava toda a culpa no partido e pedia para que José Cândido esperasse pela próxima eleição, quando teria seu lugar garantido. Essas promessas não pareciam sólidas o suficiente para quem já se sentia dono da posição. Por isso, o rapaz decidiu lutar contra o seu próprio partido e saiu candidato. Sem que o seu pai soubesse desses detalhes, José Cândido pegou o dinheiro e partiu para a batalha: fazia algumas promessas, oferecia almoços, presentes e ainda mandava publicar, nos jornais, algumas “mofinas” bastante populares e reconhecidas por aqueles tempos. Ao chegar o tão esperado dia das eleições, José Cândido contava obter quinhentos votos certos e mais outros duzentos, conquistados por causa da repercussão daquilo que havia publicado nos jornais. O capitão Fabrício, no entanto, havia conseguido um rival de seu antigo ajudante e mandara-o destruir o trabalho do outro. Ainda assim, José Cândido não desistiu e usou toda a sua habilidade:

José Cândido pôs em ação todas as molas do seu gênio cabalista; ia, vinha, andava, parava, chapéu na mão ou na cabeça, bolso cheio de cédulas, dando-as a um, trocando a de outro, enchendo as algibeiras dos votantes. A cada instante dava o sinal dos rolos; apoiava um e outro partido, quando se tratava de denunciar um *fôsforo* e impedi-lo de votar. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, novembro de 1877)

Apesar de todo esse trabalho, José Cândido obteve apenas 37 votos. O número que logo após a divulgação dos resultados o envergonhava, passado algum tempo transformou-se em motivo de glória. Terminou herdeiro do comércio do pai, casado com a filha de dona Inácia e sem compreender o porquê de não ter vencido aquelas eleições, embora, em outros tempos, tivesse ajudado tantos candidatos a conquistar a vitória. Machado de Assis abusava de linguagem recorrente entre candidatos e explorava certa metodologia para a obtenção de sucesso nas urnas. Por aqueles tempos, o primeiro turno das eleições era associado à corrupção (ALENCAR, 1996, p. 96). Por causa disso, parecia ser tão importante o trabalho de

peças como José Cândido, enquanto ainda se responsabilizava por convencer os votantes a empregar seus votos em determinado candidato. José Cândido chegou a acreditar na possibilidade de conseguir fazer isso sozinho, sem a ajuda de qualquer um dos dois partidos. No entanto, apesar de sua popularidade, não obteve muitos votos. Ao publicar essa história num periódico dirigido às leitoras, Machado de Assis, além de denunciar o andamento do processo eleitoral dividido em dois turnos, conforme acontecia, ainda abria espaço para provocar as leitoras e quem acreditava que as mulheres só se interessavam por linhas e bordados. Afinal de contas, José Cândido só conseguiu participar daquelas eleições por causa da ajuda feminina, embora o personagem não reconhecesse tal realidade.

Essa discussão sobre a participação feminina na esfera política ainda apareceu em “Uma águia sem asas”, conto publicado entre setembro e outubro de 1872 e assinado por J.J. No centro dessa outra narrativa, não encontramos um personagem masculino, mas a mocinha Sara. Logo nos primeiros parágrafos, a leitora é convidada pelo narrador a acompanhá-lo até o Rio Comprido, onde ficava a chácara do senhor James Hope, um comerciante inglês, pai de Carlos e de Sara. Para curiosidade geral, a menina ainda permanecia solteira, embora tivesse três concorrentes ao seu coração: um advogado no início de carreira, chamado Jorge; o comerciante Matheus e o Andrade, que não possuía qualquer profissão. Nenhum desses três parecia estar apaixonado pela menina, mas, ainda assim, pretendiam casar-se com ela. Um deles para descansar, o outro para matar a curiosidade, já que as opiniões sobre se o casamento é bom ou ruim são tão díspares, e o último confessava certa adoração ou simpatia, mas afirmava que isso não correspondia ao mesmo que paixão. Sendo assim, concordaram em estudar o caráter dela e reproduzir aquilo que imaginavam ser o homem esperado. O primeiro que imaginou ter descoberto foi o advogado Jorge. Como a menina gostava muito de ler, Jorge acreditou que conquistaria o coração de Sara conversando sobre literatura. Em meio a construções literárias incoerentes, seguidas por uma carta “ardente, poética, nebulosa”, foi logo desclassificado daquela luta. O segundo a se arriscar foi o Matheus: este imaginou que a menina amaria quem desse “sinais de bravura”. Não conseguiu nada. Finalmente, Andrade, vendo-se acuado e com medo do pai de Sara levá-la para a Europa, prestava atenção em tudo. Num certo dia, quando Carlos chegou contando sobre uma mudança ministerial, percebeu a atenção despendida por Sara a uma questão que não deveria interessar ao sexo feminino, segundo acreditava. Outra vez, surpreendeu-a lendo uma história de Catarina de Médicis. Para concluir sua investigação, Andrade enviou à família Hope convites para assistirem à peça *Pedro*, de autoria de Mendes Leal Junior, que possuía tendência liberal. No final da noite, Andrade pôde concluir que Sara, na verdade, era ambiciosa. Ou seja, a personagem feminina

desse conto possuía desejos parecidos àqueles que fizeram com que José Cândido, de “Um ambicioso”, se candidatasse ao cargo de eleitor. Havia apenas um pormenor: não era permitida àquelas de seu mesmo sexo essa ambição, aliás, nem mesmo passava pela cabeça da maioria de seus contemporâneos que as mulheres poderiam se interessar por assuntos relacionados à política. Sua única saída parecia ser casar-se com alguém que fosse, ao menos, parecido com ela. Acabou unindo-se a Andrade, que logo mostrou não ter as asas de águia almeçadas pela esposa, e não passar de uma pomba que preferia a paz do lar. Desse modo, sem ter muito bem para onde prosseguir com aquela narrativa, J.J. afirmava:

Que mais lhe direi para completar a narrativa?

Sara disse adeus às ambições dos primeiros anos, e voltou-se toda para outra ordem de desejos.

Quis Deus que ela os realizasse. Quando morrer não terá página na história; mas o marido poderá escrever-lhe na sepultura: Foi boa esposa e teve muitos filhos. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, outubro de 1872)

A associação da juventude de Machado de Assis à composição de histórias de pouca qualidade literária parece consenso entre boa parte de seus críticos. Essa premissa serviu também para que muitos estudiosos abrissem mão de analisar vários de seus contos e romances. No entanto, quando realizamos o exercício de leitura, procurando relacionar literatura e imprensa, passamos a compreender um pouco mais sobre a feitura de tais enredos. Torna-se então gritante o fato de o literato ter em seu horizonte a necessidade de se dirigir às leitoras e como, em grande medida, as estruturas que tentavam impedir o papel ativo das mulheres suas contemporâneas influenciaram no desenvolvimento da própria forma adotada em cada narrativa. Além disso, Machado não deixou de lado a oportunidade de falar às suas leitoras sobre temas muitas vezes ignorados por outros colaboradores daquele mesmo periódico. Parecia importante não só discutir a dificuldade encontrada por homens e mulheres para conquistarem sua cidadania, como também mostrar a sua própria impotência diante daquela situação, que o impedia de formular algum epílogo criativo para sua história ficcional, conforme aconteceu em “Uma águia sem asas”.

Sua participação nas páginas do *Jornal das Famílias* foi encerrada quando a revista deixou de ser publicada, certamente, porque já não contava com número suficiente de assinantes, necessários para recompensar as despesas; ou talvez para que seu editor e colaboradores assumissem outros projetos. As reais causas do seu fechamento não apareceram em qualquer outro periódico. O que sabemos é que, logo depois disso, Machado passou a escrever contos com estrutura muito parecida para outra folha de moda e literatura: *A Estação*.

A Estação

A Estação – Jornal Ilustrado para a Família começou a ser publicada, utilizando-se desse título, a partir de janeiro de 1879, pela Livraria Lombaerts. Fazia parte de um grande empreendimento, com sede na Alemanha e filiais em vários países da Europa e da América. A versão brasileira seguia o mesmo perfil daquelas publicadas em outros países. A página de abertura levava a “Crônica da moda” e a gravura de uma senhora muito bem vestida. Em seguida, apareciam os modelos e suas explicações. No número de 31 de março de seu primeiro ano, os leitores e leitoras encontraram “um novo melhoramento”: um suplemento literário ilustrado, de modo que ao final do ano poderiam ser reunidos, formando um “álbum recreativo que, a par de lindas gravuras, constituirá uma escolha de artigos sobre o nosso mundo elegante, obras literárias dos nossos mais festejados escritores, conselhos econômicos, artigos humorísticos, etc.”. Machado de Assis passou a integrar o seu corpo de colaboradores a partir de 30 de julho de 1879, com o início da publicação do conto “Um para o outro”, e encerrou essa colaboração em 31 de março de 1898, com “Relógio parado”, conto que, na coletânea *Relíquias de casa velha*, recebeu o título de “Maria Cora”. Sua participação naquelas páginas foi bastante extensa e variada, embora não tenha utilizado qualquer pseudônimo, apenas seu próprio nome. Ali apareceram alguns de seus contos mais famosos, como “O alienista”, e outros menos reconhecidos, além de ter publicado a primeira versão do romance *Quincas Borba*, entre 15 de junho de 1886 a 15 de setembro de 1891 (SILVA, 2007, p.1). Enquanto escrevia histórias para *A Estação*, Machado ainda colaborava em outros periódicos e desenvolvia projetos distintos. No entanto, importa frisar a sua insistência em continuar participando de uma revista com aquele perfil que servia como primeiro veículo de divulgação para muitas de suas experimentações literárias.

A estreia de Machado de Assis na *Estação* foi marcada pelas mesmas linhas seguidas ainda no *Jornal das Famílias*. Àquela época a sua produção de contos era bastante intensa e alternada entre a folha de moda e a *Gazeta de Notícias*. Foram essas histórias escritas nos quatro primeiros anos da década de 1880 que serviram para a composição de duas de suas coletâneas: *Papéis avulsos* e *Histórias sem data*. Para a *Estação*, Machado ainda escreveu “Casa velha”, publicada entre 15 de janeiro de 1885 e 28 de fevereiro de 1886, depois

apareceu o romance *Quincas Borba*. Essa colaboração foi finalizada, após uma diminuição no ritmo de publicação. Neste último momento, que cobre os anos de 1891 a 1898, Machado, ao mesmo tempo em que escrevia uma de suas mais famosas séries de crônicas para a *Gazeta de Notícias*, intitulada “A Semana”, encontrava tempo para retomar um dos seus temas favoritos e amplamente desenvolvidos no início de sua carreira, no *Jornal das Famílias*, ou seja, os conflitos vividos por seus personagens – tanto os do sexo masculino, quanto os do feminino – na hora de escolher com quem deveriam passar o resto de suas vidas.

“Pobre Finoca” foi a primeira história a aparecer naquelas páginas, carregando a assinatura de Machado de Assis, depois da conclusão de *Quincas Borba*. Dividida em três partes, possuía como primeiro cenário um dos lugares possivelmente mais frequentados pelas leitoras de *A Estação*: um armarinho da rua do Ouvidor, onde se vendiam linhas, agulhas, fitas e outros materiais de grande utilidade doméstica e para aquelas interessadas em confeccionar algum modelo sugerido pela revista. Parecia interessante para o literato recorrer à estratégia de colocar seus personagens em situações próximas àquelas sugeridas pelo próprio periódico. Sendo assim, Finoca reclamava com Alberta de uma perseguição implacável, imposta por Macedo, um de seus pretendentes. A ideia de Finoca para se livrar daquela situação consistia em fazer com que sua amiga se aproximasse do rapaz e o entretivesse. No entanto, como a menina já possuía outro namorado, o plano não poderia ser levado adiante. Passado algum tempo, esse namorado foi obrigado a ir para São Paulo, deixando Alberta sozinha. Embora ambos estivessem comprometidos a manter o namoro a distância, as cartas não pareceram suficientes para cobrir o espaço vazio deixado. Assim, no primeiro baile do qual participou sem a companhia do namorado, e também com a ausência de Finoca, que se encontrava adoentada, Alberta acabou concedendo duas valsas e duas quadrilhas ao perseguidor da outra. Além disso, ainda se sentiu tentada a “ajudar” a amiga. Desde então, Macedo passou a fazer comentários a respeito de Alberta, comparando-a a um anjo. Alberta insistia para que Finoca cedesse e se casasse com Macedo, pois percebia que a amiga demonstrava algum sentimento pelo rapaz. Este, por sua vez, já não mudava mais o seu caminho por causa de Finoca; ao contrário, nem mesmo a enxergava no armarinho da rua do Ouvidor. No epílogo, Alberta e Macedo acabaram se casando e Finoca não entrou nem mesmo para a lista de convidados. A estrutura desse conto foi usada à exaustão por Machado de Assis tanto em sua participação no *Jornal das Famílias*, nos idos das décadas de 1860 e 1870, como em *A Estação*, quando já entrava para o final de sua carreira literária.

Embora em *A Estação* Machado tenha recorrido a enredos outrora empregados no *Jornal das Famílias*, houve algumas reformulações significativas, em especial, no modo de

estruturar e apresentar algumas ideias. Vejamos, portanto, como as personagens femininas, que possuíam uma situação financeira segura e estável, relacionavam-se com os escravos e agregados da casa. A primeira versão de “O alienista” apareceu naquelas páginas entre os números de 15 de outubro de 1881 e 15 de março de 1882. Em seu enredo, encontramos a esposa do Dr. Bacamarte, idealizador da Casa Verde, experimentando alguns vestidos, enquanto recebia notícias sobre o início da rebelião contra as últimas medidas tomadas pelo médico:

D. Evarista teve notícia da rebelião antes que ela chegasse; veio dar-lha uma de suas criadas. Ela provava nessa ocasião um vestido de seda – um dos trinta e sete que trouxera do Rio de Janeiro –, e não quis crer.

- Há de ser alguma patuscada, dizia ela mudando a posição de um alfinete. Benedita, vê se a barra está boa.

- Está, sinhá, respondia a mucama de cócoras no chão, está boa. Sinhá vira um bocadinho. Assim, está muito boa.

- Não é patuscada, não, senhora; eles estão gritando: - Morra o dr. Bacamarte! o tirano! dizia o moleque assustado.

- Cala a boca, tolo! Benedita, olha ai do lado esquerdo; não parece que a costura está um pouco enviesada? A risca azul não segue até abaixo; está muito feio assim; é preciso descoser para ficar igualzinho e...

- Morra o dr. Bacamarte! morra o tirano! uivaram fora trezentas vozes. Era a rebelião que desembocava na Rua Nova.

Evarista ficou sem pinga de sangue. No primeiro instante não deu um passo, não fez um gesto; o terror petrificou-a. A mucama correu instintivamente para a porta do fundo. Quanto ao moleque, a quem D. Evarista não dera crédito, teve um instante de triunfo, um certo movimento súbito, imperceptível, entranhado, de satisfação moral, ao ver que a realidade vinha jurar por ele. (A ESTAÇÃO, 31 de dezembro de 1881)

A personagem feminina dessa história foi construída por Machado de Assis, em grande medida, a partir de referências oferecidas pelas páginas de *A Estação*. Como havia sido escrita para ser lida em primeira mão por quem tivesse acesso a tal periódico, nada mais interessante do que a elaboração de cena, na qual havia a prova e a marcação da barra de um vestido. Mesmo sem sair de sua casa, D. Benedita conseguia ter algum controle sobre aquilo que acontecia do outro lado das paredes que a cercavam. Isso porque um de seus escravos encarregava-se de mantê-la muito bem informada. O mais importante de toda a cena, para além das indicações oferecidas pela senhora àquela que acertava os detalhes de seu vestido, segundo as dicas da própria folha de moda, vincula-se à satisfação do “moleque” ao ter sua história confirmada, em especial, por causa do desdém inicial da senhora. De tolo aquele escravo não parecia ter nada, já que sabia muito melhor do que a sua senhora diferenciar uma “patuscada” de um possível início de rebelião contra qualquer arbitrariedade. A presença desse diálogo entre uma senhora e seus escravos ajuda a reorganizar algumas estruturas

daquela sociedade. Desse modo, apesar de D. Benedita, em vários momentos, submeter-se aos caprichos de seu esposo e médico, em outras situações, e a partir do interior de sua casa, parecia manter o domínio sobre um mundo que não lhe pertencia. Por outro lado, essa autoridade não deveria ser tão sólida como pode parecer à primeira vista, já que seus próprios escravos, vez ou outra, alcançavam algum “instante de triunfo”.

Em alguns contos escritos por Machado de Assis para *A Estação*, os escravos aparecem como os reais sujeitos de várias tarefas domésticas as quais promoviam suas senhoras a donas de casa cuidadosas. Os escravos são os informantes e aqueles que enfeitam e preparam as senhoras seguindo a última moda. Figuraram ainda como assunto discutido, por exemplo, entre uma jovem viuvinha e seu próximo esposo (A ESTAÇÃO, 31 de julho de 1883). De modo geral, e quando nos lembramos de contos escritos para o *Jornal das Famílias*, conforme analisado anteriormente, observamos a diferença de estratégia adotada em um e no outro momento, para tratar de tema idêntico. Por outro lado, não podemos relacionar esse movimento apenas ao aperfeiçoamento da escrita literária do autor em questão, mas também à importância de aproximação entre o texto e o seu suporte de publicação.

Conclusão

O público assinante de jornais e revistas do século XIX parecia bastante exigente. Possuía uma gama considerável de periódicos que poderiam ser escolhidos tanto para assinar quanto para comprar o número avulso. Essa realidade deveria ser do conhecimento de muitos daqueles literatos. A atitude de Machado de Assis, como colaborador de revistas de moda e literatura, foi a de levar o ambiente e as temáticas sugeridas em outras seções para os seus enredos. Para a compreensão de algumas de suas histórias, essa constatação talvez pouca diferença possa fazer. Em outras e, em especial quando olhamos aquelas que não compuseram qualquer uma de suas coletâneas, torna-se fundamental voltarmos aos jornais e revistas para as quais foram escritas. Machado de Assis, além de grande escritor de literatura, foi um homem intensamente envolvido com as questões da imprensa de seu tempo. Usou aquele espaço para se aproximar mais de seus leitores e leitoras, mesmo porque a tiragem desses periódicos era infinitamente maior do que aquela de qualquer um de seus livros.

Conforme viemos acompanhando, a carreira de Machado de Assis como homem de letras, em grande medida, mistura-se com o aprimoramento da imprensa brasileira do século XIX. Boa parte dos seus contos publicados no *Jornal das Famílias* e também em *A Estação* recebeu tal formato por causa daquelas páginas. Machado foi um escritor bastante preocupado

com seu público leitor, em especial, quando se tratava de escrever para as mulheres. Em sua juventude, parecia também muito empenhado em contribuir para a formação daquele espaço, como um lugar aberto para a discussão e que permitiria a entrada de diferentes vozes. Com a passagem dos anos e a experiência adquirida como folhetinista e colaborador de seções diversas, ao contrário daquilo que muitos de seus críticos já afirmaram, o autor em questão não perdeu o entusiasmo. Continuou escrevendo e pensando na recepção que teria e em como se aproximar mais de suas leitoras.

Ler a produção literária de Machado de Assis diretamente nos jornais e revistas nos quais apareceram pela primeira vez parece ser assim uma estratégia interessante para sabermos um pouco mais sobre sua trajetória como homem de letras. Ao lado disso, ainda se configura como uma oportunidade ímpar na busca de suas intenções ao confeccionar determinados personagens e diálogos, além de trazer-nos indícios a respeito de seus leitores e leitoras, enfim, o posicionamento do literato diante de seu público contemporâneo.

Referências

Documentos:

ALENCAR, José de. **O Systema representativo**. Brasília: Senado Federal, 1996.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Afrânio Coutinho (org.) Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, 3 vols.

_____. **Bons dias!** Introdução e notas: John Gledson. 3ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

A Estação. 1879-1904.

Jornal das Famílias. 1863-1878.

Bibliografia:

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O carnaval das letras**: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. **Quincas Borba**: folhetim e livro. Tese de doutorado: Universidade de Oxford, 2007.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. **Fábrica de contos**: ciência e literatura em Machado de Assis. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

_____. **Contos de Machado de Assis**: leituras e leitores do *Jornal das Famílias*. Unicamp: Dissertação de mestrado em História, 2005.